



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
 AUTORIZADA CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
 PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL



Obra da Rua

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro Fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

10 de Novembro de 2007 • Ano LXIV • N.º 1661
 Preço: € 0,33 (IVA incluído)
 Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre João Rosa • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
 Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Galato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
 Fax 255753799 - Email: obradarua@oj.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239



O Padre Américo ultrapassa as fronteiras da Obra da Rua.

Uma data intemporal

VINTE e três de Outubro de mil oitocentos e oitenta e sete. Aparentemente, uma dia, uma data, que a varagem do tempo já teria mastigado e reduzido ao silêncio tumular, não fossem ainda visíveis, palpáveis e inquietantes as reflexos da luz que na madrugada desse dia surgiu. Nascia a Padre Américo!

Uma data intemporal. Intemporal, porque habitada pelo tempo de Deus e pelas Obras que manifestam no tempo e no história a essência divina: «Deus é Amor». Só o amor divino é capaz de subtrair força e poder, à avidez insaciável do tempo que passa, abrindo clareiras de luz e de eternidade.

O Padre Américo, momentaneamente, e num lugar geográfica concreto, fez parar o tempo e incidir o verdadeiro sol sobre realidades escondidas, sobre as quais era, até então, quase proibido falar, por inquietarem as consciências e os poderes instalados. Eram os barredos, os pardieiros, os becos e as mansardas, lugares inóspitos, humanamente desconhecidos, antros de miséria, onde «pregar moralidade» tocava as raias da hipocrisia. Por isso, poucos lá entravam.

Não era «o cor dos óculos» que lhe dava aquela feição, tão original de olhar a realidade, mas a luz divina que a graça do Céu acendera no seu coração de Padre e de Pai: Deus é Amor.

A sua vida foi, na proporção desso luz, um hino à caridade, único bem imperecível, pois que só o Amor permanece; só Ele salva.

É por essa razão que a Padre Américo ultrapassa as fronteiras da Obra da Rua, sinal nem sempre trans-

parente daquela mesma luz que sempre o habitou e o iluminou.

Ele é mais do que sua Obra, embora, Esta, permaneça como concretização temporal, tantas vezes opaca, das moções da Espírita.

Mas o que ele é e representa é-o par causa da Igreja, a qual considerou sempre como Mãe mesmo quando, vigorosamente, denunciava algumas rugas inadmissíveis no seu rosto mais belo — o da Caridade.

No deserta vocacional que nos envolve e que tanto afecta a Igreja e que todos sentimos, faz-nos bem olhar para o Padre Américo como um sinal de esperança e de fé na busca do essencial, pois que é sempre o essencial que está em couso: o Amor.

Continua na página 3

SETÚBAL

Rapazes de 13 anos

PEDIRAM-NOS para recebermos um rapaz de 13 anos.

Quando ouvimos a idade, o nosso coração é atacado pela inquietação e por uma certa angústia: por onde andou até nos bater à porta?

A maioria dos casos que nos surgem de rapazes sem família, ou para quem esta é reduzida e incapaz de realizar a sua missão, é de rapazes a partir dos 13 anos de idade.

O nosso modo de vida, de uma entrega total a eles, implica que venham capazes de assumir a sua vida em pleno, conosco. Quando vêm com idades em que a infância já ficou para trás, esta capacidade de nos assumirem como sua família, fica muito limitada, se não fechada. Especialmente o verificamos quando, em experiências passadas, os rapazes passaram por vários acolhimentos diferentes, e algum deles lhe deixou alguma saudade. No confronto diário com as exigências que são postas pelo crescimento e pela responsabilização que têm de assumir, pro-

curam a fuga para esse lugar que aparece como o refúgio e escape às dificuldades que têm de ultrapassar.

Assim aconteceu com o Pedro. Veio com 14 anos. Um dia, já com 18 anos, foi visitar a instituição em que vivera até aos 14. Nesses momentos, todas as dificuldades do passado se esquecem; não há exigências nem barreiras; tudo é bonito e fácil; tudo é acolhimento e amizade. Depois, regressou. A vida volta a ser real. As exigências que a vida põe voltam a estar aí: «Quero ir embora!» E foi. Nós ficámos, a sofrer, cheios de angústia por uma vida a que nos ligamos e que vai deambular, sabe-se lá por onde e até quando. Quatro anos com alguns momentos difíceis e, pior que isso, quantos mais virão na incerteza de uma vida que queríamos feliz.

Virá, agora, o Bruno, com 13 anos cheios da presença da rejeição, órfão de pais vivos, também eles marcados pela ausência do bem.

Restou-lhe a avó. Sinal e presença do amor familiar, único esteio onde a sua

vida encontrou algum equilíbrio. Mas a falta de saúde, a idade, as condições de vida, não lhe garantem o apoio e a estabilidade necessárias. Por isso, o Bruno vem para nós. Prevemos um desenlace feliz para a sua vida.

Outro pedido: um rapaz com 13 anos. Até metade desta idade viveu com a avó e a mãe, esta com actividade marginal. Por isso, foi para Casa de Acolhimento. Passados 3 ou 4 anos, foi para familiares no estrangeiro. Não se adaptou e regressou a Portugal. Depois, mais dois Centros de Acolhimento. Agora, pedem-nos para o recebermos.

Não podemos embarcar e colaborar nestes caminhos destrutivos de vidas humanas. Somos contra a morte radical pelo aborto e também contra a morte lenta a que são votadas muitas crianças quando, como bola de pingue-pongue, são jogadas ao sabor das experimentações dos inteligentes e sábios deste mundo. Se todo o ser humano carece de estabilidade, muito mais nas idades mais jovens ela é uma necessidade vital e mais importante que as ditas básicas. Mas, para que seja estável a vida destas crianças, é necessário que também o seja o ambiente em que elas vivem.

Quem se dispõe a perder o seu tempo e interesses, a sua vida, para que a Criança ganhe a sua?

Padre Júlio

Malanje

Princípio das chuvas

FLORIRAM os jacarandás. Um lilás lindo como o céu. Pela noite caíram muitas pétalas e ficou tapete brilhando no chão. Olho encantado sem o pisar!

Deus dá-nos coisas bonitas para neutralizar um pouco, aos Padres da Rua, as mazelas dos nossos Rapazes — que nestes dois meses foram muitas.

Senhor Padre Acílio aumentou a nossa barragem mais dois metros, o que vai permitir maior extensão de rega. Disse-lhe um Rapaz, dos nossos, na despedida: «Obrigado por nos ter ensinado a trabalhar». Vamos continuar: Temos à nossa frente, neste princípio de chuvas, a plantação de fruteiras e outras árvores e o princípio da construção do muro de vedação da propriedade.

Os terrenos da nossa Casa não são baldios, mas uma fazenda legal oferecida à Obra da Rua pelo primeiro Bispo de Malanje — D. Nunes Gabriel. Continuamos a abrir as portas aos amigos e a todos os que vierem com espírito de ajuda e bom exemplo às nossas crianças.

União supõe o perdão

HOJE o tema preferido, também de tantos artigos que chamam de fundo, é sobre a união: União dos cristãos, união dos povos (até uma Ibéria!) união de todos «em teoria» contra a destruição do nosso planeta.

União supõe o perdão... todos têm faltas e necessidade de percorrer os caminhos da tolerância.

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

PARTILHA — Assinante 67298, do Porto, 100 euros.

Idem, da assinante 14708, Minde, cheque «para a vossa Conferência, com uma ajuda para os Pobres. Não precisa enviar recibo».

Assinante 79482, de Avintes: «Uma migalhinha para minorar e aliviar, na medida do possível, as carências e sofrimentos dos Pobres. Porque 'Pobres, sempre os tereis convosco', assegura o Mestre». Mais um P.S.: «Hoje, a Igreja celebra o dia de S. Lucas — evangelista e discípulo de S. Paulo».

Assinante 57558, do Porto, presente com 150 euros.

Da Senhora da Hora, assinante 57002, chega uma carta com muito amor: «Bons amigos: Os meus cumprimentos. Junto um cheque de 200 euros, a minha pequena oferta para os vossos Pobres».

Infelizmente, as necessidades devem ser sempre muitas e com a chegada do Outono as constipações e gripes começarão a aparecer, fazendo subir as contas na farmácia.

Mas o Senhor vos dará sempre força para poderem minorar os sofrimentos desses nossos irmãos mais precisados».

A assinante 7769, do Porto, faleceu, há dias, e sempre nos recebeu. Deus agradece-nos.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Eis o endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

SEGUIR OS BONS EXEMPLOS — «Há pessoas que, ao conseguirem um diploma ou uma melhoria de vida, mudam o comportamento. Buscam novas amizades e outras opções sociais. Com isto, esquecem os vizinhos, amigos e colegas de caminhada. Às vezes, tornam-se autoritários, exigentes, arrogantes e vaidosos. Procuram justificar todas as suas acções esquecendo-se que este 'reinado' pode durar pouco. E elas, forçosamente, terão de calçar as sandálias da humildade. Ou carregar para sempre a fama de pessoas antipáticas e insuportáveis».

E o Papa João XXIII é um belo exemplo de que não precisamos mudar a nossa maneira de ser e agir por causa do poderio e da fama. Eleito Sumo Pontífice aos setenta e sete anos, não se acomodou no peso de sua idade nem deixou que as actividades próprias do cargo dominassem a sua actuação. Era filho de camponeses e procurou ser fiel às suas origens. Ao visitar a Penitenciária Regina Coeli no Natal de 1958, deparou-se com um preso que se ajoelhou para receber a bênção. Sua Santidade disse-lhe: 'Não precisa de se ajoelhar. A única diferença entre eu e tu é que eu consegui ficar de fora'.

Costumava andar pelas dependências do Vaticano e passear pelos jardins. Conversava com todos os funcionários e, frequentemente, inventava uma brincadeira para deixá-los à vontade. Ao passar por um corredor, observou um empregado que retirava umas caixas, limpava e depois retornava com elas ao local de origem. Procurando iniciar uma conversa com o funcionário, disse-lhe: 'Se eu ficar por aqui, não atrapalho?', sem ver quem era e pensando ser um colega de trabalho, o funcionário respondeu: 'Ao invés de dar uma de Papa, porque não cala a boca e vem ajudar-me?' Bem-humorado, como sempre, Sua Santidade aproximou-se e disse-lhe: 'Pois não, o que é para fazer', bastante assustado e nervoso, o funcionário pediu desculpas diversas vezes. O Papa disse-lhe para não se preocupar, pois ele já fora operário e entendia aquelas brincadeiras. Para descontrai-lo disse-lhe: 'Sabe que nós dois pertencemos ao mesmo partido?', 'mas não pertencem a partido político nenhum', respondeu o funcionário. 'Sim, pertencemos ao partido dos gordos', disse o Papa, e levou o funcionário para almoçar com ele.

João XXIII governou a Igreja por um curto período de cinco anos. Convocou e presidiu à abertura do Concílio Vaticano II, publicou duas importantes Encíclicas e recebeu, em audiência, líderes de todos os tempos.

Destes magníficos exemplos, cumpre-nos extrair a seguinte conclusão: por mais importantes, fanosos ou poderosos que somos, devemos ser simples, humildes e prestativos. A arrogância, a prepotência e a vaidade derrubam até os mais poderosos. Mas a simplicidade, a humildade e a bondade elevam.»

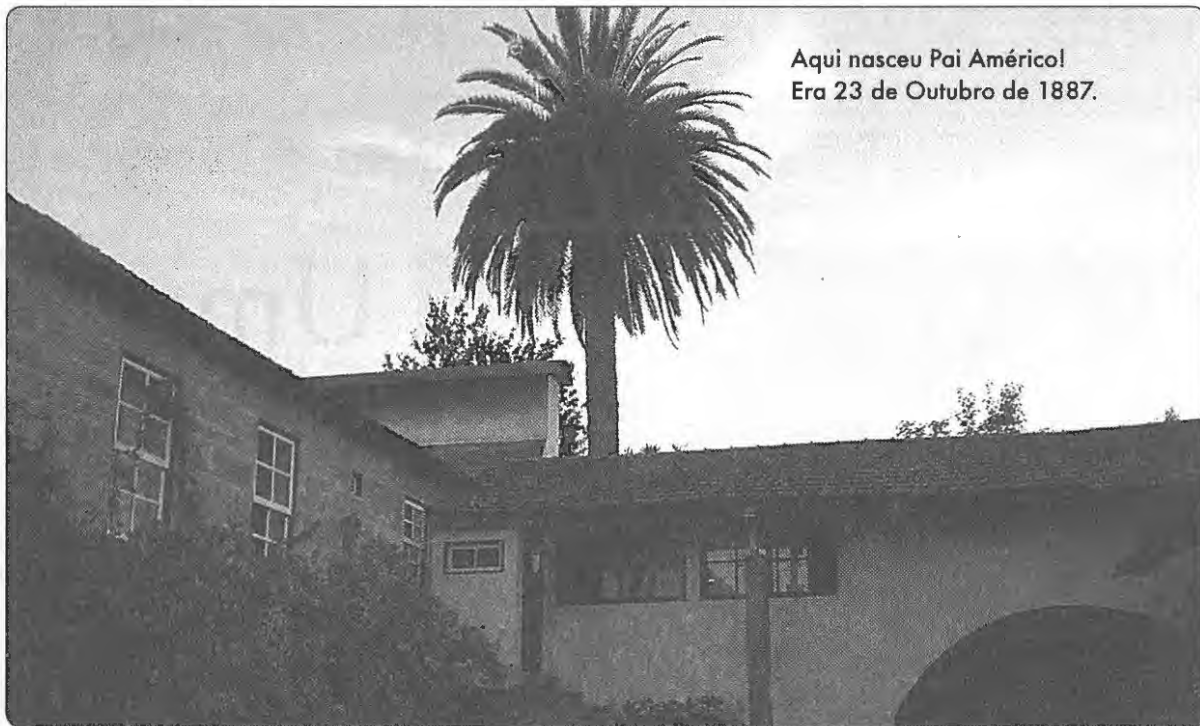
In «Revista Vicentina Adoremos». ESCALADA, da Sociedade S. Vicente de Paulo do Concelho Central do Porto

PAÇO DE SOUSA

23 DE OUTUBRO — Numa iniciativa da Câmara Municipal de Penafiel comemorou-se a data de aniversário de Pai Américo, em nossa Casa e numa sessão solene realizada no Salão Nobre da Câmara.

Em nossa Casa, recebemos o representante do Presidente da Edilidade, o nosso Padre Carlos falou sobre Pai Américo e foi exibida a maquete da futura estátua do Fundador, a ser colocada, oportunamente, no jardim em frente à entrada da nossa Aldeia, e da autoria de Luís Mendes, neto da Obra da Rua. Depois, participámos na celebração Eucarística, na nossa Capela. O jantar foi-nos oferecido pelos responsáveis do evento, e estava muito bom. Durante o repasto, o grupo da música actuou, no refeitório, dando mais sabor à refeição.

No Salão Nobre da Câmara Municipal, foram oradores o Senhor representante do Presidente da Câmara, o nosso Padre Carlos e o autor de um livro, sobre Pai Américo, que foi lançado neste dia.



Aqui nasceu Pai Américo!
Era 23 de Outubro de 1887.

Agradecemos à Câmara Municipal, associar-se a nós na comemoração dos 120 anos do nascimento de Pai Américo, assim como ao Autor do livro — muito obrigado!

AULAS — Começaram os testes de aquisição de conhecimentos do primeiro período escolar. Os Rapazes aplicam-se no estudo, para terem bom aproveitamento; principalmente os do 9.º ano, pois para além destes, têm de se preparar também para os exames de final de ano.

A todos desejamos o maior sucesso escolar, base do nosso futuro.

ANIMAIS — Na vacaria não se vislumbram sinais de nascimentos. O mesmo acontece, no aviário do nosso pomar, com os patos, gansos, garnisés e galinhas. Os Rapazes gostam de ver novas vidas, mas vão ter que esperar por esse gozo.

Zé Reis

DESPORTO — Com duas horas de intervalo, como mandam as regras... (até parece!), o Grupo Desportivo desta Casa, jogou no mesmo dia que a Selecção de Portugal. Nós jogámos primeiro, e ganhámos por quatro; a Selecção jogou depois, e ganhou por dois. Não quero com isto dizer que somos melhores!, mas... somos mais regulares! Não usufruímos das mesmas regalias que eles, por isso, temos que fazer mais pela vida. Com um pequeno senão: eles estagiam em hotéis de cinco estrelas, e nós, em hotel de dez estrelas: na nossa bonita Aldeia a fazer a lida da mesma. Neste grupo de trabalho, só milita quem tem amor à camisola; quem é humilde; quem é persistente; quem tem espírito de sacrifício; quem é coerente, quanto mais não seja, consigo mesmo.

Mas falando do nosso jogo, claro!, foi muito bem disputado e muito disciplinado. Os nossos Rapazes estão a voltar ao seu melhor. Em tudo!

Como lhes foi pedido, receberam os Juniores da Associação Desportiva de Ancede (Baião) da A. F. Porto, como mandam as boas maneiras. Eles também foram impecáveis. (Ou não sejam do outro lado do Rio Douro, mesmo em frente a Resende). A ida a casa deles, ficou marcada

para quando os dias forem maiores.

André «Garnisé», Ronaldo, Abílio, Agostinho e Serafim, voltaram a encantar os amantes da modalidade. Quem também deu nas vistas, foi o Erickson, que entrou a dez minutos do fim, e mesmo em cima do risco, não conseguiu concretizar aquilo que seria o 5.º golo. O Francisco, da casa-Mãe, não falhava! Quando fazemos as coisas contrariados, nada nos corre bem. Já é velho! «Bonguinha» entrou quase ao mesmo tempo, e mostrou que pode começar a dar o seu contributo à equipa mais cedo. «Quem quer a bolota, trepa», como diz o ditado.

Quem me está a surpreender, pela positiva, é o António Pedro. Está a ganhar e a dar confiança à equipa.

Uma semana depois, no nosso treino semanal, tivemos dois «espíões». Fomos forçados a dar uma orientação ligeiramente diferente, para que eles não ficassem a conhecer os nossos «truques». Participaram no treino, e nós todos satisfeitos com a presença deles. Os «espíões», eram dois dos nossos Rapazes da Casa do Gaiato de Setúbal, que vieram trazer várias coisas para África. Que ricos «espíões»! É pena, que eles e outros, não apareçam por cá mais vezes. E se for de surpresa, ainda melhor! Como foi o caso.

Alberto («Resende»)

SETÚBAL

PAI AMÉRICO — No dia 23 de Outubro realizámos cá, em Casa, um encontro com jornalistas, no âmbito das comemorações dos 120 anos do nascimento de Pai Américo. Tivemos a presença do Senhor Bispo D. Gilberto, do nosso Padre João e do nosso Padre José Maria, da Casa de Maputo, e de pessoas Amigas da Obra. Passámos um diaporama referente à vida do Padre Américo, e os presentes falaram sobre o progresso da Obra. Infelizmente os jornalistas não compareceram, à excepção do Jornal da Diocese e de «O Setubalense».

As pessoas interessadas poderão aceder à informação sobre estas comemorações no site www.padreame-rico120anos.pt.vu, e depois prepararem a sua participação.

para quando os dias forem maiores.

AGRICULTURA — Eu tenho andado a ajudar o «Fernandinho» e o Amândio a semear a cevada, para mais tarde fazermos os fardos da palha que servirão para complementar a alimentação das vacas. Já se vislumbra um tapete verde nos campos. Estamos ainda a proceder à limpeza das valas, visto estar a aproximar-se a época as chuvas, devendo estas estar em boas condições de escoamento.

OBRAS — O senhor Paulo está a recolher as telhas que se encontram partidas no telhado da Casa. Aproveitámos a ocasião para efectuar a arrumação e limpeza do sótão. Neste momento, estamos a finalizar as obras da antiga eira, procedendo à pintura dessa zona.

VACARIA — Temos tido boa produção de gado e de leite, o que nos deixa muito contentes.

Estamos, ainda, a remover a areia antiga da cama das vacas para colocarmos areia nova, visto elas estarem mal aconchegadas.

Temos tido alguns problemas, nomeadamente no tratamento dos cascos das vacas, e estamos, por isso, a finalizar a construção do «tronco» que nos permitirá combater esses problemas.

DESPORTO — Nestes tempos não temos tido jogos, que bem gostaríamos de ter, mas estamos cientes de que em breve chegarão novidades. Estamos dispostos a realizar encontros para uma maior integração, convívio e conhecimento, de todas as pessoas interessadas em os realizar e nos visitar.

Repórter D

Tiragem média
d'O GAIATO, por edição,
no mês de Outubro,
51.800 exemplares

Uma data intemporal

Continuação da página 1

Faz-nos falta meditar no seu percurso enquanto homem de Fé, homem de Igreja, nunca rendido à vã glória do mundo nem à riqueza como condição de exercer a caridade.

Logo desde o início, foi o Pova quem melhor o entendeu nas suas palavras, que corroboravam, sem dúvida, as suas acções em favor dos outros.

Em tudo, porém, ele prevenia o que ninguém nele descobrisse outra força que não fosse Deus somente: «O Padre Américo é um impelido...». Expressão sublime que tanto o aproximava do mistério divino, único fascínio dos santos de Deus.

À luz desse mistério, devemos reconhecer que ele não nos pertence. Padre Américo é da Igreja, é de Deus. Também será nosso quanta mais formos fiéis ao essen-

cial; se nos formos capazes de despir do acessório. O essencial é o Amor-Caridade incarnado, aqui e agora, nos desafios que nos são propostos como sinais de fidelidade ao homem e ao seu tempo.

Neste centésimo vigésimo aniversário do seu nascimento, em todas as nossas Casas houve festa e evocação solene do acontecimento jubilar. A ele se associaram amigos, outorgas, principalmente os da terra e concelho das quais é ilustre cidadão. Menção especial para a Casa do Gaiato de Setúbal onde a presença discreta e familiar de D. Gilberto, Bispo de Setúbal, muito nos contentou.

Amigos da Obra, membros dos Conselhos Pedagógicos, em cada Casa, fizeram sentir o calor da família que somos no aniversário de tão sublime nascimento.

Padre João

CALVÁRIO

Exigências do nosso tempo

HOJE trago aqui uma boa notícia. Os tribunais têm poucas encomendas de trabalho.

Eu cheguei a esta conclusão porque acabei de ser notificado para proceder à interdição de vinte e seis pessoas aqui recolhidas no Calvário. Isto só pode acontecer porque nos Tribunais o trabalho parece escasso. E estas notificações vão ali preencher horas e horas. Cada uma vai exigir um processo individual com todas as implicações inerentes: documentos de identificação, conselho de família, nomeação de tutor, relatório psiquiátrico e diligências várias que tudo isto implica. E pergunto para quê se o Emanuel já está conosco há quarenta anos, o José António há trinta, e outros com longa estada nesta Casa e nenhum deles possui bens para administrar?

Nós temos sido para eles a família que não tiveram, o suporte humano e social que não conheceram. Tenho sido, de facto, o tutor deles. Para quê ser nomeado tutor agora?

Só me resta concluir que não há certamente muito que fazer por aqueles lados e deste modo aqueles senhores arregam as mangas para esta tarefa. A burocracia tem aqui uma bela amostra: nomear tutor de direito quem já o é de facto. Não havia necessidade desta papelada toda, mas os processos já estão em curso e vão ser demorados. Vou então ser no papel aquilo que já sou na vida. Exigências do nosso tempo!

Hoc opus labor est. Haja Deus.

Padre Baptista

CORRESPONDÊNCIA DOS LEITORES

«Muito, muito atrasado vai o cheque para liquidar a assinatura do tão querido jornal O GAIATO.

Os tempos continuam difíceis. Mas há a promessa de que se fará justiça. Pode demorar a aparecer... "O justo pode morrer injustamente. Sem que Deus o abandone", recordava-nos, no dia da sua Ordenação Episcopal, o Senhor D. António Couto. Como Jeremias, espero que a flor de amendoieira seja o sinal de que, na invernia, o bem, o belo e o bom começam a desportar.

Que sintais, por perto, o carinho do nosso bom Deus. Muito obrigada pelo vosso testemunho.

Assinante 58558»

«(...) Partilho um pouco convosco, para o Jornal e para a Obra. Com simplicidade e com alegria, em acção de graças pelo pão de cada dia e pelo amor que Deus me dá primeiro.

Que o Senhor vos conserve e abençoe neste santo serviço a Ela e aos Irmãos mais abandonados.

Assinante 48491»

«(...) Recomendamo-nos às vossas orações e também rezamos por vós. Pedimos ao Senhor da Messe que mande vocações... Sentimos a vossa preocupação, mas conforta-nos a vossa completa confiança no Senhor.

Uma assinante»

«(...) Admiro muito e agradeço a Deus a existência da vossa Obra maravilhosa, feita e mantida à custa de muito carinho, muita renúncia e toda a disponibilidade.

Obrigado por tudo.

Um assinante»

«Sou avó do J.T., assinante 77386. Com muita mágoa minha perdi o meu marido, faz hoje, precisamente, um mês. O J.T. fez no dia 8 de Setembro 10 anos e o avô deixou-nos no dia 18 de Agosto.

Ele continua a ser um menino meigo e que sofre quando vê sofrer os que o rodeiam.

Assim, peço mais uma vez ao Senhor que o proteja e que o vosso Jornalinho o ilumine.

Uma avó»

«(...) Parabéns pela vossa coragem e dedicação. Abençoados sejam os olhos que vêem em cada rosto o nosso amado e adorado Jesus Cristo. E é isso que vós fazeis... acolheis com amor e ternura crianças que o mundo não vê, que rejeita como sendo para a sociedade.

Bem-haja por existirem, por fazerem do mundo um lugar melhor, por salvarem aqueles que vivem à mercê da bondade e da solidariedade, atitudes que tanto vos engrandece.

Assinante 77959»

«Feliz hora em que nos encontrámos e por pouco tempo falámos da Obra da Rua.

Há muitos anos conheço a Obra, lembro-me bem do Senhor Padre Américo, mas nunca fomos assinantes d'O GAIATO. Não lia mais que pequenos excertos que a minha Mãe, nos seus últimos quatro anos de vida, em minha casa, me dava a ler.

O senhor Padre teve a iniciativa de mandar que nos fosse enviado o Jornal. Pois estou verdadeiramente rendida à maravilha do Jornal! Quando começo a ler, só páro no final. Desde a 'Doutrina' do Pai Américo às pequenas notícias dos Rapazes, tudo é encantador.

Toca-me de maneira particular a ânsia do senhor Padre Manuel António, de Benguela, o qual, no meio de tantas dificuldades, quer chegar a todos, de dentro e de fora da Casa.

Em conversa com meu marido, decidimos colaborar mensalmente com cem euros os quais, caso seja possível, seriam enviados por transferência bancária. Tal colaboração seria, evidentemente, para o que fosse mais necessário à Obra em cada momento, mas não deixo de referir que seria para mim muito grato saber que poderia auxiliar o senhor Padre Manuel António na sua missão tão difícil.

Agradecendo a Deus a oportunidade que, embora tão tarde, me surgiu, de poder ser assinante d'O GAIATO, testemunho de amor e dedicação, envio os melhores cumprimentos.

Assinante 80268»

«Dando graças a Deus por ainda existirem "Obras" como a vossa, rogo-Lhe que continue a abençoar-vos e aos vossos meninos, e que desperte santas vocações para lhes dar continuidade.

Assinante 42866»

«Com as minhas saudações fraternas, junto envio pequena migalha, para ajudar a fazer face a tantas necessidades que a vossa, e minha, Obra jamais esquecerá, em nome do Evangelho.

Um Assinante»

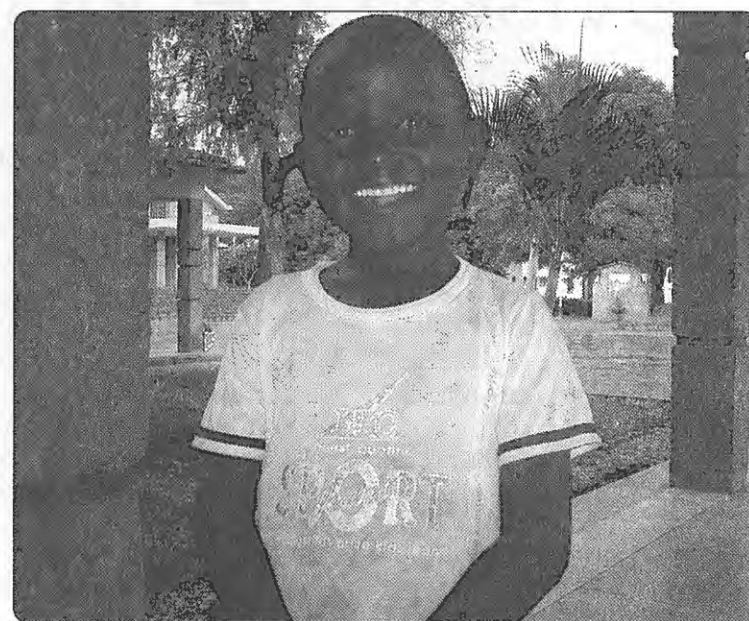
«(...) Li, no último GAIATO, o artigo do senhor Padre Manuel António — Benguela "Paz social". Ele refere: "A casa que devia ser o espaço de convívio familiar não tem nada a prender a família, por causa da sua nudez, vergonhosa para um ser humano". Como Autoconstrutor, sinto as dores do senhor Padre Manuel António. Envio cheque, para a população verdadeiramente pobre de Benguela... Continuem a escandalizar, sendo sal da terra e luz do mundo. Obrigado

Um assinante»

«Envio pequena oferta para ajudar a vossa grande Obra que todo o Portugal devia agradecer.

Bem-haja a todos os colaboradores que o Senhor vos dê forças para continuar.

Assinante 43184»



Floriram os jacarandás. Um lilás lindo como o céu.

Malanje

Continuação da página 1

Os países que mais armas fabricam e exportam, são aqueles que se opõem ao fabrico das mesmas.

As boas famílias são um bom aliecerce do amor, da tolerância e do perdão. Sentimos na carne os efeitos das famílias destroçadas.

Ainda ontem: Uma senhora abandonou o marido por ter ficado velho. Os filhos pequeninos foram viver com a irmã um pouco deficiente — casada com um homem que não trabalha e bebe. Ela vende umas bugigangas — cujo lucro não dá para o pão. Os meninos, sujos e com fome, numa barraca miserável...

A tolerância e o perdão são filhos do amor — amor a Deus e aos outros.

Sem este amor não há reconciliação... Se fores ao Altar e aí te lembrares que tens alguma malquerença com teu irmão — vai primeiro reconciliar-te com ele e volta depois.

É duro! Mas é d'Ele.

Padre Telmo

Vistas de dentro

SOMOS frequentemente interrogados sobre o papel do Voluntariado em nossas Casas e porventura alguns ficam um pouco decepcionados com a nossa reserva.

Ora a Obra da Rua é essencialmente *Obra deles, para eles, por eles*. Sejam Rapazes, sejam Doentes, são eles os agentes primeiros da vida em comunidade. E quando nos anos de Coimbra, antes da fundação da Casa de Miranda do Corvo, Pai Américo foi Capelão de Cadeias, a sua orientação era esta e então *eles* eram os presos. Por isso durou pouco a sua capelania porquanto as mentalidades não estavam preparadas para tal novidade. Anos depois, com a experiência feliz que foi a Prisão-Escola de Leiria, esta filosofia seria tomada tanto quanto, ao pôr-se a tónica na Escola e não na Prisão, o alvo na reabilitação e não no castigo. Tantos bons frutos se colheram dessa experiência! Que pena a inconstância dos responsáveis a tenha reconvertido na vulgaridade de um Estabelecimento Prisional comum!

Ora sendo este o pensamento-chave nas Casas do Gaiato e no Calvário, onde todos os *de dentro* são voluntários, mas *voluntários de mergulho* na entrega das suas vidas, compreende-se melhor que o Voluntariado, no senso generalizado que dele se tem, haja de ter como caracte-

rística específica a aceitação e o respeito pela ordem estabelecida que dá protagonismo àqueles para quem a Obra é e aos que, para a servir, mergulharam nela as suas vidas. Também aqui, no alicerce de qualquer acção de Voluntariado, vale o princípio de Pai Américo: «Sem Humildade, nada!»

A discreção, o reconhecimento do muito que se recebe quando nos damos com simplicidade e com a vontade sincera de frutos que a todos beneficiam, em espírito pleno de gratuidade — são notas convenientes a qualquer acção de Voluntariado e imprescindíveis no nosso caso.

Temos tido, experiências de sim e de não, graças a Deus mais daquelas: nas nossas Casas, sobretudo nos nossos Lares e ainda mais no Calvário — onde estou até que Padre Baptista regresse da sua operação — e talvez por estar aqui a sugestão deste escrito.

Na verdade nesta Casa, quer no apoio directo aos Doentes e aos Rapazes, quer nas faxinas de fins-de-semana e feriados, tudo funciona organizadamente. E se nos sabe muito bem o serviço que nos prestam, melhor ainda a alegria que é patente em quem nos serve.

Deus os abençoe.

Padre Carlos

BENGUELA

O infantário e a creche estão vivos

ONTEM, já ouvi os gemidos dalguns «bebés» que vão nascer em nossa Casa do Gaiato de Benguela. Foi o primeiro anúncio. O nosso coração está preparado para os acolher. Virão do Abrigo dos Pequenininhos que os recebeu do abandono. Ali passam a primeira infância, experimentam o calor humano das Irmãs, até chegarem à Casa do Gaiato. Encontram, aqui, uma família nova que os vai acarinhar, ajudando-os a crescer. Chegará a hora em que, como cidadãos normais, serão o tecido mais rico da Nação.

Por isso, a Casa do Gaiato situa-se, também, na raiz da árvore grande e bela que é Angola. Onde está a grandeza e a beleza duma nação? Nos seus filhos, que não de ser necessariamente a porção querida para o investimento mais nobre, em todos os domínios. Os filhos todos, olhados e tratados com o mesmo zelo. Quem dera assim fosse! Mas não é!

Neste momento, estou a lembrar-me dos dois filhos pequenininhos que têm a mãe no hospital, há muito tempo. O homem foi-se. A mulher ficou sozinha com suas crianças. Corremos a levá-la ao hospital, à última hora. Está salva. Que seria destes filhos se não escutássemos os seus gemidos na doença da mãe? Vêm buscar sempre o necessário para manter a mãe viva. É um símbolo do bem que cada um pode fazer ao dar a mão; ou da desgraça que pode acontecer, se fechar os ouvidos e o coração.

Queremos ir mais além. Anima-nos o eco que nos chega da mensagem que vos levamos. Algumas vezes somos surpreendidos, pela noite dentro, por causa das aflições daqueles a quem servimos. O sono vai-se. Ando à busca de meios financeiros para recuperar uma parte das duas residências onde vivemos. A alimentação, a saúde, a escola, para os de dentro e para os de fora, levam-nos o pão-nosso de cada dia. Temos que receber uma ajuda mais extraordinária para as outras necessidades. Fico à espera. Vinte mil euros fariam as duas casas como novas! Na última reunião dos chefes da nossa comunidade, prometi-lhes bater às vossas portas para me darem as vossas mãos. É o que estou a fazer.

A propósito das crianças e filhos mais pobres do nosso povo, digo-vos que o infantário e a creche estão vivos e brilham como a pupila dos vossos olhos. Olho para esse jardim como verdadeiro complemento da acção da Casa do Gaiato. Porque não têm com que pagar, porque a única riqueza destas mães são os filhos, o amor é mais amor, porque é mais gratuito. Busca unicamente a felicidade deles, já que nasceram muito à quem da fronteira da dignidade. Aqui, têm tudo o que é necessário, no seu nível pobre e digno, para serem crianças alegres e felizes. Já estou a ver algumas delas a frequentar a pré, no próximo ano lectivo, com o aproveitamento escolar normal, porque a chaga da subalimentação está curada.

Partilho convosco estes acontecimentos da salvação destes filhos, porque são fruto do vosso amor generoso. Nada receberemos do Estado. Nada receberemos das organizações governamentais e não governamentais. Dependemos somente de vós que poisais os olhos nestas linhas e vos deixais comover.

Padre Manuel António

MOMENTOS

Revisão de vida

NESTA Casa não esmoreceu o hábito bom de fazer, sem interrupção, todas as noites, a revisão do dia. Ela surge com a mesma naturalidade do banho diário; lavagem da consciência colectiva da Comunidade. Não só dos Rapazes, mas de todos, na simplicidade e na pureza das acções santas.

Faz parte da oração da tarde e acontece com a mesma regularidade com que a noite chega a seguir ao dia — invariavelmente.

Sendo a JUSTIÇA e a VERDADE a base de toda a convivência humana, são-no, obrigatoriamente, de toda a educação.

A busca destes fundamentos, no quotidiano da vida, é o primeiro objectivo da revisão diária.

O Padre Américo chamou a este acto importantíssimo *tribunal*. Palavra nobre no seu conceito, muito estimada na Bíblia, mas... a que as últimas décadas foram abstraindo um certo carácter sagrado e, pouco a pouco, tem perdido elevação, carregando-se simultaneamente de um sentido pouco atraente.

Há tempos, num semanário sobre educação de crianças privadas de ambiente familiar normal, interroguéi o orador, um psicólogo de proa, da Capital, sobre o que pensava acerca dos *tribunais* na Casa do Gaiato, a

resposta foi pronta «*só não concordo com o nome*».

Aqui, em Moçambique, chamam-lhe *revisão do dia*.

A minha longa experiência nas Casas do Gaiato, criando gerações sobre gerações de Rapazes, e o convívio com os menos evoluídos, mais pobres, mais ignorantes e mais explorados tornam mais evidente, talvez que noutros meios, a necessidade de reviver, ininterruptamente, estes princípios e a sua busca constante.

Se a formação das consciências ou a criação de obstáculos ao desmoronamento dos valores é tarefa de todo o educador, a revisão do dia é fundamental quando se pretende criar ou manter um ambiente educativo elevado.

Nas famílias modernas, bem estruturadas e conscientes, os pais e os irmãos mais velhos, não perdem a oportunidade. À mesa, ao jantar, é a soberana ocasião.

Começo a pressentir, de onde nasce e como se mantém tão surpreendente organização e tão agradável ambiente!...

A Comunidade desta Casa além de muito numerosa é bastante rica em virtudes humanas e sobrenaturais e diversificada — muitos pequenininhos, amorosíssimos; grande número de adolescentes, bastantes jovens inteligentes humildes e trabalhadores e vários adultos.

Jogam em casa, quero dizer a Escola é quase toda em Casa e a

direcção da Escola pertencenos!... Só os Cursos Superiores são fora, diminuindo, assim, as potenciais influências negativas de outras Escolas e professores, pois os frequentadores são já pessoas com capacidade de discernimento, maduras, auto-estima e ideal definido.

As oficinas trabalham todas com aperto de serviço, sendo verdadeiras escolas de artes e ofícios para os que já esgotaram as suas potencialidades escolares e não enveredaram por outras vias.

São ainda vastas e variadas as actividades agro-pecuárias sem paridade com qualquer Casa da Obra. Os leites, de soja e de vaca, toda a ração para porcos, gado vacum, caprino e aves; as hortícolas e a fruta, os ovos e a carne, o café e o chá, a reprodução de plantas em viveiro etc.; tudo é produzido na fazenda da Aldeia.

Sendo a vida tão larga como já podemos imaginar e com tanta gente nova, as faltas a corrigir e os pontos a melhorar não se esgotam.

O Chefe preside à oração ocupando um lugar central de onde, com o olhar, domina a assembleia dos cento e cinquenta, dispostos em vinte e seis mesas redondas e organizados em dois coros. A seguir começa ele pelo que foi observando ou teve conhecimento indirecto, ao longo do dia.

Os faltosos levantam-se escl-

recendo e justificando as suas quedas; os elogiados põem-se de pé para que o aplauso seja mais incentivador; os castigados aceitam ou apresentam razões para rejeitar a sentença e tudo decorre com uma normalidade admirável.

A seguir têm a palavra os chefes das casas, mais próximos dos Rapazes. Cabe, depois, a vez a cada elemento da assembleia: — alguém quer dizer ou reclamar alguma coisa?... É desafio infalível do Chefe.

Ontem, um adolescente viu-se obrigado a confessar, em público, perante todos, as suas tralhuices!... E... confessou com humildade e verdade!...

Como a sessão é ordinariamente demorada, os mais pequenos

não aguentam. Encostam a cabeça à mesa e dormem uma soneca, outros brincam com a mais descontraída naturalidade sem que ninguém se sinta perturbado. Mesmo levantando-se e correndo à volta das mesas com algum alarido inocente criam um clima alegre, familiar, doce e leve. Cada um participa consoante as próprias capacidades.

Ainda não assisti a nenhuma revisão em que os culpados se não tenham acusado ou não tenham sido descobertos!... Toda a gente participa!...

A Verdade e a Justiça são o ornamento mais belo, o fruto mais fecundo e o dinamismo mais enriquecedor do ambiente familiar.

Padre Acílio